

O ESQUECIMENTO DA ARTE NA ÉPOCA ESTÉTICA

Pedro Vinícius Gimenes Medina da Silva (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Wagner Dalla Costa Félix (Orientador), e-mail: ra89198@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
PR.

Filosofia e História da Filosofia.

Palavras-chave: Filosofia, Estética, Esquecimento.

Resumo:

Visou-se no presente trabalho a sinalização do horizonte de questões filosóficas abertas por Giorgio Agamben em seu primeiro ensaio **O homem sem conteúdo**. Tomando como condução o conceito de “destruição da estética” conforme explicado por Leland de la Durantaye, em seu livro **Giorgio Agamben: a critical introduction**, onde trata as raízes filológicas dos conceitos elaborados por Agamben ao longo de suas obras. Os materiais utilizados foram os próprios textos e/ou discursos filosóficos pertinentes ao trabalho e propósito do estudo. Quanto ao método empregado, foi o da leitura interpretativa do referido ensaio de Agamben, acrescidas consultas pontuais, que ajudassem na visualização mais radical da questão do esquecimento da arte na “época estética”, a um quadro de referências composto por obras literárias, artísticas e filosóficas.

Introdução

Jovem e recém graduado em Direito, Giorgio Agamben, através de sua participação em uma série de pequenos seminários que foram realizados em 1966, 1968 e em 1969 na comuna francesa de Le Thor, veio a conhecer Heidegger que os realizava tais seminários mediado pelo convite do poeta francês René Char pós a aposentadoria do seminarista, na década de 50, e retirada, com sua esposa, Elfriede Petri, para a Floresta Negra no interior da Alemanha. Tal contato foi decisivo para o despertar da vocação filosófica de Agamben. Era de se esperar, por tanto, que no início do seu elaborar filosófico, e em suas primeiras obras, o filósofo realizasse uma interlocução com questões que Heidegger estaria meditando em sua última fase. Para então problematizar sobre o esquecimento da arte ocidental na época moderna, uma das questões meditadas por Heidegger, a saber, a da perda do enraizamento no espírito da Modernidade. Tal questão, “o esquecimento da arte”, aparece já na obra inaugural do italiano Agamben intitulada **O homem sem conteúdo** com sua primeira edição publicada em 1970 sob o título: **L'uomo senza contenuto**. Onde o trabalho a que se propõe é o de elucidar acerca da “época estética” e nela a crise da concepção moderna da obra de arte. Onde dois principais extremos se apresentam, um pelo personagem Rameau de **O sobrinho de Rameau** de Diderot, que representa o “homem de gosto”, e captura a curiosa transformação

subjetiva do período moderno que foi a invenção do gosto estético ou o “homem de gosto” e que pertence ao extremo oposto da dilaceração estética em relação ao outro, representado por Frenhofer, personagem do romance **A obra prima ignorada** de H. Balzac, que remete exatamente ao “homem sem conteúdo” e aponta a posição da “subjetividade não artística desinteressada”. Tentando, Agamben, assim, sondar o destino da arte moderna recém desvelado na época estética.

Materiais e Métodos

Nossos materiais foram os próprios textos ou discursos filosóficos disponíveis e pertinentes aos propósitos do presente estudo e aproximação entre Filosofia e Literatura a partir dos temas do ensaio de Agamben **O homem sem conteúdo**. Trabalho para o qual manteve-se a atenção, principalmente, sobre os conceitos de “artista duplicado” e de “gosto estético” que o autor tratado tece para elaborar sua reflexão acerca da “dialética da dilaceração”. O método empregado nesta pesquisa consistiu na leitura interpretativa do referido ensaio além de consultas pontuais a um quadro de referências literárias, filosóficas e artísticas que ajudassem a encarar o mais radicalmente possível o problema do esquecimento da arte na “época estética”.

Resultados e Discussão

Em uma primeira etapa desta pesquisa foi realizado o esforço de reconstruir a conjunção de pensadores pertencentes ao contexto filosófico de Agamben. A respeito das referências a Heidegger em **O homem sem conteúdo** a questão da “técnica moderna”, tema tratado por Heidegger em sua conferência intitulada **A questão da técnica** em 1953, é sempre evocada, embora nunca recolhida definitivamente. Que aponta, no pensamento heideggeriano, para um forte vínculo entre técnica moderna e “vontade de poder”. Onde a técnica é pensada como meio para um fim ou como a antecipação de resultados derivados de uma equação e tem por essência a relação em que o real aparece como pura e simples disponibilidade. Há para Durantaye em **Giorgio Agamben: a critical introduction** um parentesco entre a concepção da técnica e a obra de arte, que se encontra submetida ao desinteresse do gosto estético. Na segunda etapa da pesquisa a atenção voltou-se para a noção de fim da arte em Hegel. Encontrados aí os pressupostos dos quais partiu Agamben para tratar do lugar da obra de arte no espírito da modernidade. Em Hegel a verdadeira essência da arte cai num esquecimento a medida em que deixa de atender aos interesses superiores do Espírito, perdendo assim sua estatura original. Crise da qual a época estética, em Agamben, estaria toda marcada. Momento este em que, na observação de Wind em **Arte e anachia**, teria a arte perdido seu estreito liame com as energias interiores humanas, de modo a perder, assim, seu comprometimento, que havia desde o início, com a verdade do ente. A questão da conversão da obra de arte em mercadoria foi outro ponto que apareceu de passagem na segunda etapa da presente pesquisa. Havendo o divórcio entre as sociedades modernas e o sentido originário da obra de arte o espaço vital da arte foi desfeito. Ela não valia a vida humana, nem havia, de forma tamanha, a cisão entre gosto espectador e artista tal qual na época estética. Em nada tinha a arte a ver com

estética, com *αἴσθησις*, nem com desinteresse e desapego. A arte, presentificava, na antiguidade, os próprios deuses e tornava patente a verdade do próprio mundo humano e, até a modernidade, constituía textura viva comum entre artistas e espectadores em que se mantinha unidos seus interesses.

Conclusões

A Destruição da estética traz à tona algumas consequências difíceis de se prever. Fazendo um balanço avaliativo das profundas transformações na história do Ocidente Agamben sustenta que com a Destruição da estética seria possível vislumbrar o colapso do “edifício estético” apontando assim para a concretização da instalação na história da dimensão estética. Tal instalação tem consigo um movimento de secularização do fruir estético e artístico, o que reduziria está última a um objeto procurado conforme convenções de padrões específicos de apreciação. No entanto o vigente esquecimento da arte e sua dilaceração traria consigo a possibilidade de um desembaraçar-se desse estado através de uma Destruição da estética bem sucedida. O que por fim, aposta Agamben, resultaria na reivindicação de sua “estatura original” por parte da arte, de modo que, esta Destruição da estética resultaria numa restauração da mesma. Abrindo espaço para a compreensão das transformações fundamentais para a concepção da obra de arte.

Agradecimentos

Deixo meus agradecimentos ao PIBIC/CNPq-FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA-UEM pelo incentivo através da bolsa de iniciação à pesquisa na área de Filosofia e História da Filosofia, e ao meu orientador, Prof. Dr. Wagner Della Costa Félix, por assumir tal iniciativa de pesquisa.

Referências

AGAMBEN, G. **O homem sem conteúdo**. Trad. de Claudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2012a.

BALZAC, H. **A Obra-prima ignorada**. Trad. Dorothee de Bruchard e Rejane de Janowitz. Porto Alegre: L&PM, 2012c.

DIDEROT, D. O Sobrinho de Rameau. In: **Textos escolhidos/Diderot** (Edição Os Pensadores). Trad. Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DURANTAYE, L. **Giorgio Agamben**: a critical introduction. California: Stanford, 2009.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: **Ensaio e Conferências**. Trad. Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel & Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002c.

31º Encontro Anual de Iniciação Científica
11º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



10 e 11 de novembro de
2022

WIND, Edgar. **Arte e Anarchia**. Trad. Juan Rodolfo Wilcock. Milão, Itália: Adelphi, 1985.